

## OSMAN ARTICULISTA



## QUATRO TAÇAS SOBRE A MESA DE CENTRO: OSMAN LINS E A ARTICULAÇÃO CULTURAL

### *FOUR CUPS ON A COFFEE TABLE: OSMAN LINS AND THE CULTURAL ARTICULATION*

Pedro Couto<sup>130</sup>

**Resumo:** Articulista é o que escreve artigos. Também é o que articula eventos e debates. Eis a faceta a ser deslindada da vida de Osman Lins (1924 - 1978). Em português, o nome articulista tem sua memória morfológica e semântica advindas do latim, a que também se liga a palavra articulação, que é uma chave para entender essa face do escritor pernambucano. Partindo do pressuposto de que a vida afeta a arte, em mediações históricas, psíquicas e estéticas, e valendo-nos de dados biográficos de Osman Lins, iremos neste ensaio reconstituir e interpretar certos passos que, transfigurados via criação, de fato, advieram da realidade do escritor nascido em Vitória de Santo Antão. Nosso foco é pensar a articulação, desde um ponto de vista político, levada a cabo por Lins com sua preocupação cultural e amizades literárias, como aquela evidenciada em um encontro em 1976, em Paris, com o escritor Julio Cortázar e, durante o mesmo ano, na experiência vivida na feira do livro de Frankfurt, na Alemanha, transposta a um relatório escrito por Osman Lins intitulado “Relatório de Frankfurt.”

**Palavras-chave:** Osman Lins. Articulação cultural. Julio Cortázar. Feira do livro de Frankfurt. Internacionalização.

**Abstract:** “Articulista” is the one who writes articles. It is also the one who articulates events and debates. In this text, it is additionally the face to be deciphered regarding the life of Osman Lins (1924 - 1978). In Portuguese, the noun “articulista” has its morphological and semantic memory from Latin, to which the word articulation is also linked and represents a meaningful key to understanding Osman Lins. Assuming that life affects art, in historical, psychic and aesthetic mediations, and using biographical data from the life of Osman Lins, we will, in this essay, reconstitute and interpret certain steps that, transfigured through creation, actually happened in the biography of the writer born in Vitória de Santo Antão. Our focus is to think about the articulation, from a political point of view, carried out by Lins with his cultural concern and literary friendships, such as the one evidenced in a meeting in 1976, in Paris, with the writer Julio Cortázar and, during the same year, in the experience that took place at the book fair in Frankfurt, Germany, transposed to a paper written by Osman Lins entitled “Frankfurt Report.”

**Keywords:** Osman Lins. Cultural articulation. Julio Cortázar. Frankfurt Book Fair. Internationalization.

---

<sup>130</sup> Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília. Professor do Instituto Federal de Brasília. Email: couto.pedroh@gmail.com.

## Articulando encontros

Paris. 1976. Um simpósio, no sentido original: reunião, conversa e comunhão pela bebida. Na hora da foto, em vez de vinho, café. (Há uma cafeteira italiana sobre a mesa de centro).

Um homem alto, barbudo, enorme em sua altura imensa, cuja extensão se percebe ainda que esteja sentado, em uma poltrona de costas também altas, está no centro. Cabelos negros e penteados num topete que cai à direita da testa e rosto quadrado. Há alguma brilhantina, discreta, alisando os pelos. Suas mãos sobre o joelho. Camisa de botão e jeans: despojamento. Ele olha outro homem.

O outro, em oposição ao primeiro: mais baixo, calvo, cabelos brancos, cabeça ovalada. A barba é substituída por um bigode, também branco. Óculos e um terno alinhado. Gravata. Estende a mão: pega o quê? Açúcar? Uma caneta? Seu rosto contém um sorriso discreto. Algo meticuloso ronda a fisionomia e, nele, deixa-se sentir aura de felicidade.

Uma mulher loira, de face rosada, tem sobre o colo um caderno. Apoia-se sobre os braços, de madeira, de uma cadeira. Olha para as lentes da câmera. Quem tirou a foto se oculta. É provavelmente Julieta de Godoy Ladeira, escritora e companheira de Osman Lins, o homem de terno. A mulher de cabelos louros é Ugnè Karvélis, colaboradora da editora francesa Gallimard e também companheira do homem alto e de cabelos negros, Julio Cortázar.

Há algo de fortuito e representativo nesse encontro. Algo também de comum e comunicável entre as duas biografias de Osman Lins e Julio Cortázar: estão em Paris, tendo a cidade ofertado motivo para o romance que cada um, a seu peculiar modo, escreveu. Osman Lins iria a Paris, pela primeira vez que deixava o Brasil, como bolsista da Aliança Francesa, em 1961. Julio Cortázar, em 1951, dez anos antes, também com uma bolsa de estudos, chegava à cidade que o abrigou e a que o escritor argentino tomou para si como lar. *Rayuela* se passa em Paris. Saía em 1963. *Avalovara*, cujas ruas literárias também são as parisienses, entre o boulevard Raspail, boulevard Saint-Jacques, place d'Italie, quai d'Austerlitz e outros sítios, saía 10 anos depois. Parece que o número dez

comunicava algo entre os dois: também a diferença de idade, o argentino nascido em 1914 e o brasileiro em 1924. Para além do tempo, é no espaço da cidade de Paris que o argentino e o brasileiro se encontram, firmando e fixando o encontro e mútua admiração.

Os dois escritores, tão diferentes na aparência, talvez revelem pontos de contato, articulações, em suas respectivas obras. Um lia o outro e vice-versa. Pistas dessa amizade se espriam vagamente: a foto, algumas cartas em que Lins mencionava o colega argentino, uma epígrafe de Cortázar tomada de Lins, de *Avalovara*, para um livro de viagens *Los autonautas de la cosmopista*. Teria Lins dito a Cortázar a viagem que planejava fazer no ano seguinte ao Peru e à Bolívia? Teria a vontade de uma viagem se anunciado para o argentino? Terão falado de quais projetos? Sabe-se que um dos temas conversados entre os dois foi a questão linguística espanhol-português e sua relação literária na cultura editorial mundial. O método de Lins, ligado à geometria, já conhecido de Cortázar, teria influenciado o livro do argentino, *Octaedro*? Lins já havia lançado *Nove, novena*, na França, como *Rétable de Sainte Joana Carolina*, em 1971.

A maior parte do conteúdo do encontro se deixa apenas especular. A geometria dos encontros é poderosa e impossível de se visualizar na totalidade: vista uma face, a outra se esconde. Tal como a literatura dos dois escritores.

Osman Lins desejava que sua escritura e pensamento alcançassem distâncias, ultrapassando limites nacionais sem, contudo, abdicar das raízes brasileiras e dos problemas íntimos do povo brasileiro. Abel, em *Avalovara*, é a síntese desse desejo: um escritor pernambucano que, por meio dos encontros, percursos e revelações de sua própria vida ficcional, articulou uma rede, parabólica, *de palavra*, em sensação, viagem e invenção. Em certo sentido, há muito de Osman em Abel, o protagonista do romance.

Articulista é o que escreve artigos. Também é o que articula eventos e debates. Eis a faceta a ser deslindada. Em português, o nome tem sua memória morfológica e semântica advindas do latim, a que também se liga a palavra articulação, que é uma chave para entender essa face da vida de Osman Lins. Na definição do Houaiss, articulação, em uma acepção bastante ilustrativa, é “ponto de contato, de junção de duas partes do corpo ou de dois ou mais ossos”. Em seguida, “ponto de conexão entre dois órgãos ou segmentos

de um mesmo órgão ou estrutura, que geralmente dá flexibilidade e facilita a separação das partes.”

A escrita que Osman Lins produziu para jornais – seus artigos – já tiveram uma recepção que lhes destacou uma singularidade: conquanto tenham sido elaboradas na circunstancialidade e no calor da hora, fazem parte de um projeto político-poético maior de Osman Lins, para quem a palavra é a chance e o modo de construir mundos e, portanto, reaprendê-los, como se por um ângulo outro. Graciela Cariello falou em escrita parentética (CARIELLO, 2018) e Regina Igel dedicou uma seção em sua biografia literária (IGEL, 1988) à hibridez da produção não-ficcional de Osman Lins.

Osman Lins escreveu para vários periódicos brasileiros, atualmente compilados nos livros *Do ideal e da glória: problemas inculturais brasileiros*, tornado livro em 1977 pela editora Summus, e *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*, lançado em 1979, pela mesma editora, cuja publicação se deveu a Julieta Godoy Ladeira, após cerca de um ano da morte do escritor e por ela mesma denominado “um livro de ação”. (LADEIRA, 1979, p. 9).

De Vitória ao Recife, de São Paulo a Paris e várias cidades da Europa. E de volta ao Brasil, o escritor queria que sua produção, tornada mais conhecida, por meio do jornal e dos livros, abalasse um certo quadro dentro do qual, segundo sua mirada crítica, estava o Brasil: atarracado na censura da ditadura militar, limitado aos modismos europeus que não reconheciam os problemas genuinamente brasileiros e latino-americanos e à míngua em tudo que fosse fomento ao escritor e à produção literária. Lins preferia o mexicano Carlos Fuentes, com *A morte de Artemio Cruz*, às produções romanescas francesas. Escreveu no Suplemento Literário d’O Estado de S. Paulo a 14 de junho de 1969: “Os romances de um Michel Butor, de uma Nathalie Sarraute, por importantes que sejam, dizem-nos menos que certas obras de ficcionistas latino-americanos. Suas concepções, por mais que nos intriguem, são frutos de um mundo velho, cujos problemas diferem enormemente dos nossos.” (LINS, 1969, p. 51). Não seria essa também a inclinação para o encontro com Cortázar, latino-americano exilado e ilhado na Paris das modas francesas: resistência anti-europeia da literatura mesmo desde *background* parisiense?

Lins também articulava críticas às censuras. (Muito discretamente e com agudeza, sugerindo a violência dos regimes militares e ditatoriais.) Leia-se o texto *Para além dos altos muros: um aspecto da censura*, escrito em 1976, em que Lins menciona e enfatiza o argumento segundo o qual a obra de arte não se deve cercear, ainda que essa trabalhe com temas, ideias e imagens chocantes: toma o exemplo, para análise, do filme de Pasolini, o *Salò ou 120 dias de Sodoma*:

Vivemos num mundo que provoca tais imagens. E então? Conhecemos o mundo, vivemo-lo, mas não devemos tomar contato com certo tipo de obra que ele aciona e que, seja como for, é uma expressão sua? (...) E nenhuma violência representada em obras de arte será mais selvagem que a violência imperante no mundo (LINS, 1977, p. 167).

Explorarei um aspecto central de Osman articulista, relacionado ao diálogo internacional, refletindo sobre a política de amizades literárias, a rede de amizades (ou de modo menos nobre: *networking*) com escritores e editores desde um texto chamado “Relatório de Frankfurt”, saído em *Evangelho na taba*, a partir da experiência que Lins viveu na Alemanha, em 1976, na feira de livro da cidade alemã. A reflexão do relatório, contudo, foi ampliada e recontextualizada a partir de uma foto a mim enviada por Elizabeth Hazin, em pesquisa da professora realizada no arquivo de Osman Lins salvaguardado na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro [que se vê na folha de rosto deste artigo]. A foto foi interpretada em suas sugestões no início desse ensaio e serviu de ponte para o trecho do relatório em que Lins descrevia Julio e acrescentava: “Combinamos um encontro em Paris, e durante a festa, via-o de longe, a planar sobre os demais, parecendo um balão extraviado, à procura da saída e dos ventos noturnos.” (LINS, 2018, p. 154). Pude ainda, a partir do relatório, identificar a pessoa de Ugnè Karvelis, que também é mencionada no relatório e cuja correspondência com Lins pude examinar no Instituto de Estudos Brasileiros da USP em pesquisas por mim anteriormente realizadas.

**O Relatório de Frankfurt: finura e crítica sobre a internacionalização da literatura latino-americana**

Em 1976 — diz-nos Regina Igel, a biógrafa de Osman Lins — ruma o escritor pernambucano, pela sexta vez, à Europa. O destino é a Alemanha. Primeiramente, em uma cidadela, Sprendlingen, a convite do *Institut für Auslandsbeziehungen*, para participar do Colóquio Latino-Americano 1976.

O Air Kongress Hotel, onde se realizou o Lateinamerika-Colloquium 1976, fica em Sprendlingen, a vinte minutos de Frankfurt. Durante dois dias inteiros, nesse hotel confortável, mas isolado de tudo, talvez para que não se dispersassem os participantes, foram pronunciadas doze conferências. Temas principais: a Alemanha está descobrindo com dez anos de atraso a literatura da América Latina; e essa literatura, não obstante os elementos míticos que a trespassam, vem constituindo-se num registro fiel e seguro dos problemas sociais que agitam os países por ela abrangidos. Como diria o uruguaio Eduardo Galeano: ‘Lentamente vai adquirindo força e forma, na América Latina, uma literatura que não ajuda os demais a dormir, mas que lhes tira o sono; que não se propõe a enterrar nossos mortos, mas perturbá-los; que se nega a varrer as cinzas e procura, ao invés disso, acender o fogo.’ (LINS, 2018, p. 151 - 152).

Nessa observação crítica, antecipa-se a reflexão de Lins sobre a maior feira literária do planeta, a *Frankfurter Buchmesse*. A feira, instituída desde 1949, inaugura suas edições temáticas, tendo sido a América Latina o primeiro de seus motes regionais, em 1976. A Suhrkamp Verlag, editora que preparava o lançamento de *Avalovara* em alemão, tinha interesse em que seus escritores estivessem na feira. Além de Osman Lins, a editora trazia nomes latino-americanos como Bioy Casares, Vargas Llosa, Alejo Carpentier entre outros.

Osman Lins, naquele outono alemão de 76, olhando mais o relógio do que a paisagem e sem haver sequer visitado a casa de Goethe em Frankfurt, como se queixou (2018, p. 159), legou um agudo testemunho — agudo no sentido de refinado, e afiado, levemente ácido, em torno das questões das letras mundiais — e de como muitos equívocos se produziam sobre o Brasil no cenário editorial internacional. É o que, acima transcrito, se dizia do atraso de dez anos em a Alemanha “descobrir” a literatura brasileira. Lins pretendia publicar sua cobertura em algum jornal brasileiro, em troca de apoio

financeiro: nenhum jornal brasileiro, contudo, demonstrou interesse na empreitada. Em carta a Laís Corrêa de Araújo, datada de 29 de julho de 1976, o escritor dizia:

“Uma instituição alemã oficializou convite para o Colóquio sobre Literatura Latino-Americana, em Frankfurt. Vou obter ou tentar obter isenção dos 12 mil. Obtendo, irei. Será uma viagem oportuna, pois AVALOVARA deverá sair lá, dentro de um mês. Na volta, será o lançamento de ‘A Rainha dos Cárceres da Grécia’”. (LINS, 1976).

O relatório – redigido com um certo tom romanesco, dividido em quatro seções, em que personagens reais são observados a partir da imaginação sugestiva de um escritor, é parte dessa *articulação* cultural e política de Lins. O relatório, para além de sua função descritiva e supostamente sufocada pela objetividade, estará longe daquelas espécies que Lins praticara no Banco do Brasil ou na Universidade, enquanto fora docente. Talvez o Relatório de Frankfurt seja um primo mais novo daquele famoso relatório escrito por Graciliano Ramos, saído em 16 de fevereiro de 1930 no Diário Oficial de Alagoas, da época em que fora prefeito em Palmeira dos Índios. O relato de Ramos, cuja marca indelével fora a de transformar em literatura todo o primado burocrático dos discursos oficiais, é a marca da hibridez que subjaz ao tom literário de algumas produções inicialmente não literárias.

Para além da falsa objetividade, que se isenta de um ponto de vista marcado por aquele que, após participado da experiência, coloca-se como fidedigno relator, emerge um texto, que é fruto de uma observação ativa, participante, preñe de observações particulares e de segredos que se colocam nas entrelinhas.

Relendo o relatório, pude perceber o seguinte: motivos "extraliterários", “relatoriais”, “jornalísticos”, mesmo situados em um suporte que Lins admitia frágil e suscetível ao esquecimento, *o jornal*, desempenhavam uma estratégia importante de debate e difusão conquanto fossem “matéria optativa que se esgota na opinião.” (LINS, 1979, p. 217). As publicações em jornais, diferentemente da perenidade do livro, artefato e arma da cultura, e da obra de arte, foram também, nas mãos do escritor, um instrumento para disseminar suas provocações e seu projeto literário. Essa produção periódica, mesmo



“fadada ao olvido”, é na verdade um suplemento importante para contextualizar a vida intelectual e literária de Osman Lins.

Se uma das grandes aflições do escritor pernambucano – e a produção nos jornais o prova – foi justamente a penúria do escritor para publicar livros e, o próprio livro, no Brasil, visto como objeto desprezível e sem os devidos incentivos (do Governo ou mesmo de certas fundações privadas), no Relatório de Frankfurt tem-se um importante depoimento cuja reflexão estende o debate da importância editorial de políticas de incentivo ao livro e à cultura.

Depoimento duplamente raro: porque traz, num crivo pessoal, as impressões de um intercâmbio comparado entre América Latina e Europa, em que o Brasil, por diversas razões, figura, diacronicamente, em um insulamento cultural da lusofonia que resiste em perdurar. “Das línguas do Ocidente, a nossa é a menos conhecida, e se os países onde é falada pouco representam hoje, em 1900 representavam muito menos no jogo político” (CANDIDO, 2004, p. 17).

Osman Lins muito anota sobre a situação linguística da literatura brasileira. Sua colega, Nélide Piñon lhe alertava:

Aos poucos, um fato sobre o qual já me advertira Nélide Piñon ia definindo-se: para os que se ocupam, em países distantes, da literatura latino-americana, está excluído o Brasil. Não, não é que esteja excluído. Sabem, naturalmente, que o Brasil existe e que sua literatura *deve ser* importante. Mas quase a desconhecem, e mostram-se pouco aptos a ler na nossa língua. Pouco aptos? Ou será, mesmo, ausência de boa vontade? Em Frankfurt, num coquetel, alguém observa:

- Nós, da língua espanhola, temos certa dificuldade em compreender o português. Os brasileiros, ao contrário, nos entendem com facilidade.

Respondo:

- É compreensível. Fizemos o nosso aprendizado, através do tango, do bolero e dos dramalhões mexicanos. (LINS, 2018, p. 153).

A retórica é ácida e graciosa. Lins enfatizara, ademais, sobre as palestras nas quais a situação hispanófona era reputada como equivalente total e irrestrita à totalidade da literatura latino-americana:

Mas não são apenas os estudiosos europeus da literatura latino-americana que tendem a compreendê-la, exclusiva ou predominantemente, como a literatura de língua espanhola. Exemplo significativo: o Dr. Alberto Wagner de Reyna, professor de Filosofia e História, ex-aluno de Heidegger, romancista, dramaturgo e ensaísta. Sua conferência intitulava-se '*Obstáculos en la comprensión entre América Latina* [o grifo é meu] *y los países de habla alemana*', e girou, exclusivamente, em torno de problemas da língua espanhola. (LINS, 2018, p. 154).

O debate foi estendido ao encontro, em Paris, na casa de Cortázar:

(Julio Cortázar, na sua casa, em Paris: - Tenho má consciência em relação ao Brasil. Vejo que os brasileiros, ao menos os intelectuais, conhecem bastante bem a literatura latino-americana de língua espanhola. E nós não conhecemos do mesmo modo a literatura brasileira. Eu próprio tenho a intenção de conhecer melhor o que se faz no Brasil) (LINS, 2018, p. 155)

Vale uma contextualização sobre o cenário alemão: em 1969, em Pullman, no estado de Washington, o alemão Günter Lorenz dizia a seu entrevistado, o peruano Vargas Llosa, que os europeus não sabiam muito mais da América Latina do que sabiam sobre a lua. (69 é o ano da "colonização" da lua) O alemão era da opinião de que a Europa pensava ser a literatura latino-americana uma espécie de apêndice – em continuidade excêntrica – da literatura europeia do século XIX. O chamado *boom* Latino-Americano – muito ligado aos expoentes hispanófonos – teve algo de exotismo frente à cultura da América Latina, resultante da ignorância dos europeus em relação ao desenvolvimento literário e social dos países da América Latina. Lorenz escreveu em prefácio a sua compilação de entrevistas a vários escritores latino-americanos:

A partir de 1960, mais ou menos, editores de países de fala alemã começaram acompanhar com maior interesse que antes a literatura latino-americana; o número de traduções de obras provenientes do âmbito hispano-americano e brasileiro aumentou de repente. Nem sempre a escolha das obras se fez com acerto e somente vez por outra a versão alemã foi estilisticamente exata. Os autores ficaram quase no

anonimato; conheceu-se bem pouco mais do que seus nomes entre alguns dados pessoais pouco significativos. Ao leitor, desconhecedor das premissas e condições de sua formação, o conteúdo das suas obras parecia mais extravagante que realista, mais baseado em um mundo de fantasia do que num palpante continente em tumulto. (LORENZ, 1973, p. 1).

Osman Lins, em outra ocasião, ao ser entrevistado por Esdras do Nascimento (“EN.”), a 12 de maio de 1974, para O Estado de S. Paulo, respondia a respeito da questão linguística e literária brasileira, que segundo alguns brasileiros, deveria seguir as "tendências" editoriais da Europa:

EN. – A adoção de modelos de ficção estrangeiros não constituiria, segundo o seu ponto de vista, uma solução para o problema de ampliação de mercado do autor brasileiro?

OL. – De modo algum, Esdras. Seria mesmo um absurdo que fôssemos concorrer, numa língua pouco conhecida como a nossa, no mercado editorial exterior, com obras semelhantes às que os editores europeus veem todos os dias na sua própria língua ou em línguas que lhes são familiares. Isso, do ponto de vista de mercado, que, embora não sem importância, é secundário para a criação literária. Depois, que sentido tem, para o criador, — adotar modelos? E se tivéssemos que adotar algum, do ponto de vista do mercado, seria melhor adotar os modelos do livro comercial americano e escrever, por exemplo, romances sobre médicos, sobre a máfia ou simplesmente histórias obscenas. Por último, o mercado exterior é importante. Mas é pela ampliação de um mercado AQUI que o autor brasileiro deve lutar. Acho que um escritor, antes de tudo, escreve para o seu próprio povo, seu auditório natural e legítimo. (LINS, 1979, p. 180).

O escritor, atento a tudo, sabia da relação comercial que assombrava sua própria carreira e guiava a economia literária internacional.

De fato, a Feira é uma grande promoção comercial, e o volume de negócios ali realizados sobe a cifras espantosas. A grande maioria dos participantes, para não dizer todos, lá se encontra para vender e comprar; e as obras mais visadas, sem dúvida, nada ou pouco têm a ver com arte e literatura. (LINS, 2018, p. 160 - 161).

Frente a isso – e a uma espécie de colonização sofisticada de editores europeus – Osman Lins incentivava que nossas próprias feiras deveriam se voltar, internamente, ao nosso próprio patrimônio literário:

Os expositores de Frankfurt – e são, praticamente, todos os editores de uma certa importância no mundo – não virão jamais aqui para rever o que foi ou será visto lá. Virão conquistar o mercado brasileiro? Ambição problemática. Sondar, *in loco*, a nossa produção? Hipótese pouco provável. Assim, a orientação da Bienal, a meu ver, deve, mais modestamente – e com probabilidade de resultados mais concretos –, voltar-se para o Brasil e para a literatura brasileira. Consagrar um ano, por exemplo, à poesia brasileira; outro, ao romance, ao conto, e assim por diante. Promovendo debates públicos, espalhando faixas e cartazes com fotos de escritores, levando-os às TV em horários de grande audiência, ao rádio, abrindo páginas especiais nos jornais. Acho, inclusive, que, dada à grande extensão territorial do país, ela devia migrar: Rio de Janeiro, Brasília, Manaus, Porto Alegre etc. Abrasileirar-se. Fincar pé na realidade cultural brasileira. Tomar como programa interessar o público na nossa produção. Tornar-se mais modesta num certo sentido e mais ambiciosa em outro. Tentar enfim fazer com que o livro, para o grande público brasileiro, deixe de ser algo estranho e exótico como o elefante que há séculos foi levado a Frankfurt.” (LINS, 2018, p.164).

Ora, há uma preocupação inteligente, de Osman Lins, com a relação internacional à época praticada em termos de Brasil. Recomendo a leitura integral da última seção do relatório, chamada “Divulgação da literatura brasileira no exterior (sugestões)”. Parafraseio algumas: 1) preparação de tradutores de português em maior número possível a partir de ações e representações diplomáticas brasileiras: “Os tradutores passarão a ser como que sementes para a reprodução de textos brasileiros.” (LINS, 2018, p. 167); 2) leitorados (embora não seja esse o termo utilizado por Lins) de cultura brasileira em universidades estrangeiras; 3) programa de intercâmbio entre escritores; 4) *networking* (tampouco Lins usa a palavra), realizado por diplomatas, com editores de diversas nacionalidades; 5) traduções subvencionadas pelo Governo, 6) prêmios literários que, em vez de pecúnia, ofertassem viagem e intercâmbio artístico tal como nas residências artísticas das artes visuais. Nas palavras de Lins:

O que estou sugerindo são coisas mínimas, pouco dispendiosas, perfeitamente viáveis, mesmo para um país de poucos recursos e com pouca disposição de despender com a cultura. Não esqueçamos, além disso, que um programa assim pode ser – autofinanciável. Isto é, redundaria em divisas para o país, uma vez que a literatura, e não apenas a soja, pode ser um produto exportável.

Não o saberia Osman Lins, após sua morte em 1978, mas algumas de suas sugestões foram concretizadas, ainda que após décadas. O programa de leitorado, por exemplo, realizado pela CAPES e pelo Ministério das Relações Exteriores, leva especialistas em cultura brasileira a universidades estrangeiras. A literatura brasileira, contudo, merece ainda maior fomento. Tão afim e tão diversa à literatura hispânica, como escreveu Lins, merece um tratamento próprio, singular, que cresça e se dinamize.

A contribuição de Lins com seu pensamento e literatura é de muita relevância e ainda atual. Tivessem as sugestões do relatório sido já empregadas desde a década de 70, não haveria uma outra atitude, mais efetiva, a despeito de suas diretrizes elementares, em prol da cultura brasileira e do fomento à literatura nacional?

Lamentavelmente, a política do livro retrocede, como se numa estagnação anunciada nas análises que Lins empreendeu nas décadas de 60 e 70 do século XX. O recrudescimento do desprezo à literatura e leitura parece estar cada vez mais em alta. O que diria Lins, articulista, sobre o nefasto projeto de aumento da tributação dos livros atualmente em andamento?

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre azul, 2004.

CARIELLO, Graciela. “Escrita parentética, leitura necessária” In: LINS, Osman & ANDRADE, Fábio (org.). *Problemas inculturais brasileiros: do Ideal e da Glória e Evangelho na Taba*. Recife: Ed. UFPE, 2018.

IGEL, Regina. *Osman Lins: uma biografia literária*. São Paulo/Brasília: T.A Queiroz/INL, 1988.

LADEIRA, Julieta de Godoy. “Nota preliminar.” In: LINS, Osman. *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

LINS, Osman. *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

LINS, Osman. “A morte de Artemio Cruz”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 jun. 1969. Suplemento Literário, p. 51.

LINS, Osman. [Correspondência]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. São Paulo, 29 jul. 1976. 1 cartão pessoal.

LORENZ, Günter W. “Introdução”. In: *Diálogo com a América Latina: panorama de uma literatura do futuro*. Trad. de Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1973.